

**O FUTURO (1862-1863), JORNAL DAS FAMÍLIAS (1863-1878) E A ESTAÇÃO (1879-1904):  
TRÊS PERIÓDICOS EM QUE COLABOROU MACHADO DE ASSIS\***

Kátia Rodrigues Mello MIRANDA

**Resumo:** Machado de Assis (1839-1908) teve sua carreira marcada pela constante atividade de colaboração em periódicos, dentre os quais nos interessam particularmente *O Futuro* (1862-1863), o *Jornal das Famílias* (1863-1878) e *A Estação* (1879-1904). Por sua atuação constante e eficaz nesses veículos, o escritor foi considerado seu principal colaborador. As três revistas, por sua vez, marcaram sua presença no processo de formação de Machado: *O Futuro* presenciou o início da trajetória do escritor, e o *Jornal das Famílias* e *A Estação*, por seu longo período de circulação, ofereceram-lhe maior espaço para a prática e o aperfeiçoamento no gênero narrativo, principalmente na produção contos, essencial para a consagração de Machado de Assis no panorama da literatura brasileira. Assim sendo, é importante conhecer as principais características dessas revistas, uma vez que o perfil das publicações também devia ser levado em conta pelos escritores na produção de seus textos.

**Palavras-chave:** Machado de Assis – periódico literário – contos.

**O FUTURO (1862-1863), JORNAL DAS FAMÍLIAS (1863-1878) AND A ESTAÇÃO (1879-1904): THREE  
PERIODICALS FOR WHICH MACHADO DE ASSIS COLLABORATED**

**Abstract:** Machado de Assis (1839-1908) had his career marked by his constant collaboration on periodical magazines, and for us three of them are of special interest: *O Futuro* (1862-1863), *Jornal das Famílias* (1863-1878) and *A Estação* (1879-1904). Because of this constant work on these publications, the writer was regarded as their main collaborator. By their turn the three magazines had remarkable importance on the process of Machado's intellectual development: *O Futuro* was contemporary with the beginning of the writer's trajectory, and *Jornal das Famílias* and *A Estação*, during the long time they were published, provided him more space for the practice and development of the narrative genre, specially concerning on the production of short stories, which was essential for the acclamation of Machado de Assis in the Brazilian literature scene. For this reason it is very important to know the main features of these magazines as the profile of the publications should also be taken on account by the writers in the production of their texts.

**Keywords:** Machado de Assis – literary periodicals – short stories.

## Introdução

O século XIX brasileiro merece destaque quando o assunto é a imprensa escrita. Conforme enfatiza Ana Luiza Martins, “no início do século XIX, jornais e revistas tornam-se espaços disputados, inclusive para divulgação da literatura romântica, reunindo nomes consagrados da época”<sup>1</sup>. Em virtude de tal fato, houve a proliferação de publicações periódicas de teor literário, que abriram espaço para a atuação e divulgação do trabalho de diversos escritores brasileiros, dentre os quais se destaca Machado de Assis.

No século XIX a atividade de colaboração era uma espécie de condição *sine qua non* para que um escritor fosse reconhecido como tal. Colaborar em periódicos era sinônimo de aprender a ser escritor, enquanto ofício e postura, e Machado de Assis realizou exaustivamente essa atividade, uma vez que escreveu para aproximadamente cinquenta periódicos<sup>2</sup>. Três desses veículos, *O Futuro* (1862-1863), o *Jornal das Famílias* (1863-1878) e *A Estação* (1879-1904), nos interessam particularmente por serem os locais de publicação original dos contos selecionados para nosso trabalho de mestrado<sup>3</sup>.

A análise dos contos de Machado nos trouxe a necessidade de conhecer o perfil dos periódicos em que foram publicados, uma vez que as características de tais publicações poderiam ser – como de fato o são – determinantes de alguns processos de escritura e reescritura empregados pelo escritor. Dessa forma, antes de levantarmos todos os pontos da análise propriamente dita desses textos, procedemos ao estudo das três revistas destacadas anteriormente, a fim de tomar conhecimento de suas características básicas, e, assim, obter mais informações a respeito da produção de Machado de Assis nesses locais.

Dado o âmbito do trabalho ora apresentado, nosso intuito é expor alguns dos resultados obtidos com a pesquisa das revistas *O Futuro*, *Jornal das Famílias* e *A Estação*, no que toca aos principais elementos delineadores do perfil de cada uma, bem como à colaboração de Machado de Assis em tais veículos.

### **O Futuro (1862-1863)**

A última palavra escrita na carta-programa d’ *O Futuro* parece definir o que veio a ser o periódico: uma tentativa. Seu fundador e diretor foi o poeta português Faustino Xavier de Novaes (1820-1869), amigo de Machado de Assis, e, coincidentemente, irmão mais velho de Carolina Novaes (1835-1904), que viria a ser esposa do escritor. Depois de envolver-se com a vida literária no Porto, Novaes decidiu vir com a esposa para o Brasil, em 1858. Aqui, colaborou em algumas publicações, e, como os ganhos com a literatura não eram suficientes para seu sustento, tornou-se também comerciante. Ao separar-se da esposa, em 1860, teve prejuízos no comércio, e, logo depois, dedicou-se a fundar uma revista de literatura: *O Futuro*.

Novaes acreditava que o ano de 1862 era favorável para a concepção de um periódico literário, uma vez que o experiente editor Garnier (1823-1893) já anunciara a substituição de sua bem sucedida *Revista Popular* (1859-1862) pelo *Jornal das Famílias* (1863-1878), que “tinha um espírito diferente”<sup>4</sup>. No entanto, contrariando tais perspectivas, a publicação de Novaes não chegou a completar um ano: iniciou-se em 15 de setembro de 1862 e cessou em 1º de julho de 1863, totalizando apenas vinte números.

O Futuro foi um periódico literário, conforme estampa seu subtítulo – *O Futuro: periódico literário* -, de caráter luso-brasileiro. A publicação era quinzenal, saindo nos dias 1º e 15 de cada mês, e, na maioria de suas edições, apresentou trinta e duas páginas, o que resulta, portanto, num total aproximado de sessenta e quatro páginas mensais. A paginação era feita de maneira contínua, e, na íntegra, O Futuro teve cerca de seiscentas e sessenta páginas. A impressão era brasileira, feita inicialmente pela Tipografia Brito & Braga, e mudou, a partir do 10º número, de 1º de fevereiro de 1863, para a Tipografia do Correio Mercantil. O número de textos publicados por número variava entre cinco e oito e, segundo foi possível observar, a maioria dos exemplares apresentava sete textos. Em todos os números apareciam ao menos um conto – ou parte dele –, uma poesia e uma crônica final, além das demais publicações.

A carta-programa do Futuro, intitulada “Ao público brasileiro e português”, foi escrita por Reinaldo Carlos Montoro, editorialista e um dos colaboradores do periódico, e publicada no primeiro número, em 15 de setembro de 1862. Já no início é exposto o principal propósito da revista:

Estabelecer um campo comum, em que livremente, sem preocupações mesquinhas de opinião ou nacionalidade, viessem discursar os escritores de ambas as nações, levar a estas o conhecimento mútuo do movimento literário de cada uma, e dar impulso com o exemplo recíproco, ao progresso literário de países tão férteis em imaginações ricas e pensadores elevados [...].<sup>5</sup>

O texto como um todo é altamente argumentativo, principalmente quando enfatiza que a publicação é destinada àqueles que desejam o crescimento e a valorização artística das duas nações – a portuguesa e a brasileira. Afirma-se que a proposta da publicação “[...] há de alegrar, enobrecer de aspirações os ânimos generosos, que sonham futuro, amplo em civilização e grandeza social, para as duas nações de origem portuguesa”<sup>6</sup>.

Na seqüência do texto editorial, por meio da expressão “estranho domínio”, faz-se menção à influência estrangeira sofrida pelas nações, diante da qual se sugere que haja a união das produções literárias brasileiras e portuguesas, tomadas como uma espécie de instrumento de defesa. Mais adiante, essa influência estrangeira é especificada:

E não venham amortecer-nos o entusiasmo, a nós, jovens que entramos neste combate contra a estagnação intelectual das nossas pátrias, os maldizentes das próprias nações, que só têm admirações e aplausos para obras de algibebe literário do estrangeiro: para eles tudo o que o Brasil e Portugal produzem é imperfeito, não tem o cunho da graça francesa, da profundidade alemã, do positivismo inglês [...] ninguém deixará de ir beijar a mão do desterrado, que sacrificou riquezas pessoais ao progresso da civilização evangélica, e que tem um nome tão grande como a revolução moral a que preside: do homem que se chama – Victor Hugo –. Mas se ante estas realidades do engenho dobramos com veneração os joelhos, se reconhecemos os seus direitos à direção na república democrática e federalista do mundo literário, por que não faremos esforços para termos voto e assento no congresso, darmos idéias novas e moldes d'arte às nações que nos ali acompanham? Não temos por ventura historiadores, poetas, economistas, narradores, que valem os das nações mais adiantadas?<sup>7</sup>

Fica evidente, sobretudo na segunda metade do fragmento transcrito, que, apesar de não ser a única, a nação francesa era a mais combatida pelo periódico. Tanto é que, diferentemente de várias outras publicações da época, *O Futuro* se negou a aderir ao paradigma francês de publicação. É verdade que há nas palavras do texto o reconhecimento da qualidade da produção literária francesa, mas a ênfase é dada ao fato de que as duas nações – a brasileira e a portuguesa – deveriam unir-se para conquistar o seu lugar. A argumentação em relação a esse aspecto é bastante forte, uma vez que veicula a idéia de combate à estagnação intelectual, causada, conforme se quer fazer acreditar na carta, pela importação de conceitos e modelos estrangeiros prontos, ao invés de se trabalhar para o desenvolvimento autônomo.

Como se pode observar, é com um texto bastante argumentativo que se apresenta *O Futuro*. No entanto, apesar de bem elaborados e consideravelmente persuasivos, nenhum argumento foi suficiente para garantir longa vida à revista.

Quanto à colaboração, dado o seu caráter luso-brasileiro, *O Futuro* contou com nomes de Portugal e do Brasil. Como o periódico não ofereceu uma lista, realizamos um levantamento através da consulta dos exemplares, e os nomes e pseudônimos obtidos foram: Joaquim Pinto de Campos, Reinaldo Carlos Montoro, Faustino Xavier de Novaes, Machado de Assis, Camilo Castelo Branco, Guilherme Bellegarde, León de la Vega, Antônio Feliciano de Castilho, Macedo Soares, Simões de Cabedo, F. Muniz Barreto, Miguel Novaes, Anna Augusta Plácido, Eduardo Laranja, E. Lima, T. de Mello, A. de M. Muniz Maia, A. R. de Torres Bandeira, Luiz Delfino, José Pereira da Silva, M. Reis Fojo Seabra, Augusto Soromenho, A. E. Zaluar, S., Nuno Álvares, J. de B. Pinto, Leonel de Sampaio, Ernesto Cibrão, Dr. Jacy Monteiro, Brito Aranha, Ferreira Neves, Alexandre da Conceição, A. C., A. Moutinho de Souza, J. D. Ramalho Ortigão, Sotero de Castro, F. J. Bittencourt da Silva, J. M. Andrade Ferreira e “Ninguém” (pseudônimo de Joaquim Nabuco).

Vale dizer que vários desses colaboradores tiveram apenas um ou dois textos publicados no periódico, o que denota uma irregularidade no quesito colaboração. Ao analisarmos as quantidades de textos e suas assinaturas, foi possível constatar que Machado de Assis e Camilo Castelo Branco, juntamente com Faustino Xavier de Novaes, foram os mais assíduos, e, portanto, principais colaboradores d' *O Futuro*.

No que toca ao conteúdo apresentado pelo periódico, de forma geral, Massa aponta: “ao lado da colaboração de Machado, registram-se estudos sobre história contemporânea, ensaios estéticos, polcas e valsas para piano, crônicas sobre livros publicados de poesias de Faustino Xavier de Novaes e de outros poetas do tempo”.<sup>8</sup> No entanto, segundo averiguamos na consulta da revista, o maior espaço foi cedido à literatura, com a publicação de novelas, contos e principalmente de poesias.

Como *O Futuro* não ofereceu uma lista sistemática de suas seções, realizamos também sobre este aspecto, com propósitos estatísticos em relação ao conteúdo literário, um levantamento geral, no qual procuramos agrupar os textos de acordo com sua natureza. Constatamos que o tipo de texto em maior número publicado pelo *Futuro* foi a poesia, depois da qual vêm as crônicas, e, então, as narrativas. A esse respeito, vale destacar que o fato de oferecer grande quantidade de poesias, dentre outros aspectos, revela os fortes laços da revista com a tradição romântica.

Houve também a publicação não concluída, acredita-se que devido ao curto período de circulação d' *O Futuro*, de um romance de Camilo Castelo Branco, intitulado “Agulha no palheiro”. Tal romance fora encomendado ao escritor, através de uma carta enviada por Faustino Xavier de Novaes, em sete de agosto de 1858 – quatro anos antes da fundação do periódico. Também foi publicada em partes, desde o primeiro número, a “Biografia de Dom Pedro II”, encarregada ao padre Joaquim Pinto de Campos, provavelmente como estratégia para garantir prestígio ao periódico. A publicação foi concluída no oitavo número e teve apenas uma interrupção, em 1º de novembro de 1862. É interessante mencionar também que *O Futuro* ofereceu algumas ilustrações, ainda que em pequeno número e um tanto simples se comparadas às que eram fornecidas pelo *Jornal das Famílias* e pela *Estação*. No entanto, apesar das estratégias empregadas, e até mesmo de ter o imperador como um de seus leitores, a publicação não obteve o êxito almejado.

O que se pode considerar uma seção característica d' *O Futuro*, pela constância, espaço fixo ocupado e título estável, é a “Crônica”. Aparecendo sempre como a última rubrica do sumário, a “Crônica” figura do primeiro ao último número da revista e, dedicada basicamente a comentar a publicação de livros de poesia da época, na grande maioria das vezes foi escrita por Machado de Assis. No entanto, não se pode dizer que este foi um espaço unicamente do escritor no periódico, pois, após a primeira, que é assinada por ele, até o sexto número a “Crônica” vem assinada por nomes variados. A partir do sétimo número, Machado volta a colaborar no espaço e sua assinatura é mantida até a última edição da revista. Ao todo foram

publicadas vinte e duas crônicas, das quais dezesseis foram escritas por Machado de Assis. Convém ressaltar que houve também a publicação de duas outras crônicas, em espaço variado do periódico, as quais foram somadas no total oferecido de vinte e dois textos. Trata-se da “Crônica da Literatura Portuguesa”, publicada em 1º de novembro de 1862 e 1º de janeiro de 1863, e assinada por Ramalho Ortigão.

Embora não apareça em espaço fixo e sob o nome de uma seção, a publicação de poesias é uma importante característica d’*O Futuro*, em termos de recorrência: há números que chegam a apresentar até quatro. No sumário são indicados somente seus títulos e autores, e, ao todo, foram publicadas aproximadamente quarenta poesias, de autoria variada. Os colaboradores que possuem o maior número de publicações no gênero são Faustino Xavier de Novaes, M. Reis Fojo Seabra e Machado de Assis.

Os contos e novelas também aparecem em todos os números da revista, sem ter também um espaço fixo. A publicação era feita ora integral, ora parceladamente, e o escritor que mais colaborou com narrativas no *Futuro* foi Camilo Castelo Branco, cujo prestígio reconhecido pela ex-colônia dá provas da ainda influente presença da literatura portuguesa nas letras brasileiras da época. Foram publicadas no periódico aproximadamente quinze narrativas, das quais apenas uma, o conto “O país das quimeras”, é da autoria de Machado de Assis.

Em relação ao público leitor do *Futuro*, não é difícil imaginar que tenha sido pequeno e consideravelmente menor que o dos outros dois periódicos em pauta neste trabalho. Por tratar-se de uma publicação de caráter luso-brasileiro, podemos inferir que o público que consumia o periódico era provavelmente constituído, em maior parte, por portugueses e descendentes que viviam no Brasil, e por brasileiros que simpatizavam com a ex-metrópole. Considerando tal hipótese, o público leitor da revista não seria, então, suficiente para mantê-la, fator que pode ser acrescentado às possíveis causas da efemeridade da publicação. A esse respeito, é possível deduzir também que o fato de não seguir os moldes franceses tenha sido mais uma das causas de desinteresse do público pela revista; sua apresentação material, sendo bem mais simples, ajudava a torná-la também menos atrativa, e, além disso, seu conteúdo era basicamente literário, sem ter como chamariz a grande quantidade de figurinos e diversas ilustrações, comumente apresentadas por vários periódicos de êxito da época, de acordo com o parâmetro francês.

No entanto, vale mencionar que, de certa forma, *O Futuro* também voltou os olhos ao público leitor feminino, não com o intuito de ser considerada uma revista somente para mulheres, mas, talvez, como mais uma tentativa de garantir ou arrebanhar público. Um exemplo dessa presença feminina é a publicação da carta intitulada “Às leitoras do *Futuro*”, em 15 de novembro de 1862, escrita por Faustino Xavier de Novaes. Tal carta vem antecedida de uma ilustração de página inteira, na qual aparecem quatro mulheres e uma criança, todas trajadas elegantemente. Novaes inicia seu texto da seguinte forma:

Os *Homens sérios* [...] detestam a moda como frivolidade indigna da sua atenção. Eu afianço a VV. EEx. que pertenço a outro meio. Essa inocente estampa irá, pois, desafiar as suas iras, se porventura alguns deles forem assinantes do *Futuro* [...]. Foi para VV. EEx., exclusivamente, que mandei vir de Paris esse figurino.<sup>9</sup>

A respeito da presença feminina na revista não se pode esquecer também de que na lista de colaboradores figura o nome de uma mulher, que também é mencionada por Massa: “*O Futuro* publicou certo número de textos de Camilo [...], Ramalho Ortigão, *Anna Plácido* – a companheira de Camilo, etc.”<sup>10</sup>. Vale ressaltar que o fato de contar com a colaboração feminina assinala um caráter de modernidade d’*O Futuro*, uma vez que, na época, a participação da mulher na sociedade era quase inexistente.

É interessante destacar que o periódico tinha uma boa organização material, de um modo geral, e que o sumário oferecido em cada número facilita e agiliza sua consulta, ainda que não haja uma sistematização do conteúdo, por meio de seções fixas. Essa disposição em sumários não é observada, por exemplo, n’ *A Estação*, que foi, diferentemente d’*O Futuro*, um periódico de longa vida, porém que oferece maiores dificuldades em sua consulta, em virtude de seu aspecto organizacional. Vale enfatizar que a revista apresentou acentuado perfil literário e, pelo que pudemos observar, não houve partes destinadas a noticiar acontecimentos gerais da sociedade, do que se pode concluir que *O Futuro* não tinha intenções específicas no que toca ao aspecto noticiário.

Alguns dos fatores que podem ter contribuído para a efemeridade da publicação são a administração amadora e a escassez de recursos financeiros. Tal inferência é pertinente, pois, pela biografia do proprietário Faustino Xavier de Novaes<sup>11</sup>, percebe-se que ele possuía um caráter diletante, e, além disso, teve, principalmente depois que se separou da esposa, em 1860, prejuízos com o comércio que levava concomitantemente à administração do periódico.

Além disso, há também outros aspectos a se considerar sobre a breve vida d’*O Futuro*. Como se sabe, o Brasil passou por grandes e significativas transformações no século XIX, dentre elas, a Independência, declarada em 1822. Essa mudança, de colônia para nação, já estava sendo processada desde o final do século XVIII, quando, através de revoltas e conjurações, os brasileiros vinham manifestando seu descontentamento com a metrópole. Tal insatisfação, demonstrada também pelos próprios portugueses, se deu, dentre outros motivos, porque Portugal passava por um momento de pausa quase total no progresso. A perda de colônias – inclusive da brasileira – é uma prova dessa situação de desprestígio e declínio em que se encontrava Portugal.

A partir de 1850 o Brasil começou a viver um clima de modernização, do qual fez parte, além da urbanização, a entrada de um grande número de imigrantes no país. Essa modernização, se por um lado representou um salto dado pela sociedade brasileira no sentido de superação das restrições e limitações do período colonial, por outro deu ensejo a que a

influência européia, sobretudo francesa, se alastrasse nos mais diferentes setores da vida nacional.

Enfim, considerando tais aspectos em relação ao contexto histórico e social do surgimento d' *O Futuro*, é possível inferir, em linhas gerais, que uma das principais causas da efemeridade da publicação foi a sua não-adequação ao espírito de seu tempo. Estando o Brasil num período de mudanças sociais, independência e tentativa de desvencilhamento da matéria portuguesa, a concepção de um periódico de caráter luso, e declaradamente avesso aos padrões franceses, possivelmente não traria resultados positivos.

Não se deve esquecer também que, além dos fatores apontados, o público leitor da época era consideravelmente escasso, uma vez que o analfabetismo no Brasil, durante todo o século XIX, foi bastante alto. Tal fato prejudicava a venda dos periódicos – e de elementos relacionados à cultura –, assinalando, portanto, uma dificuldade de público consumidor vivida não só pelo *Futuro*, mas também por periódicos bem sucedidos da época.

#### **A colaboração de Machado de Assis n' *O Futuro***

Machado de Assis marcou sua colaboração n' *O Futuro* com a publicação de dezesseis crônicas, seis poesias e um conto, números que foram constatados por meio da consulta do periódico<sup>12</sup>. O único conto que escreveu para a revista, “O país das quimeras”, publicado em 1/11/1862, de uma só vez, e ocupando doze das trinta páginas do número, além de ter sido a segunda produção do escritor no gênero é um dos objetos de estudo em nossa dissertação de mestrado. Raimundo Magalhães Júnior menciona a publicação do conto:

Em junho de 1864, Machado de Assis começa uma nova fase de sua carreira, publicando ‘Frei Simão’, seu primeiro conto no *Jornal das Famílias*. Já se ensaiara no gênero [narrativo], com ‘Três tesouros perdidos’, em *A Marmota* de 5 de janeiro de 1858, e depois ‘O país das quimeras’, em *O Futuro*, de 1º de novembro de 1862 [...] <sup>13</sup>.

Apesar de ter prestado significativa colaboração no periódico, o escritor não tinha um espaço exclusivamente seu. A seção “Crônica”, cuja maioria de textos foi de sua autoria, é o espaço mais constante ocupado por ele n' *O Futuro*, mas também contou com a assinatura de outros escritores, como mencionamos anteriormente. De qualquer forma, Machado de Assis, mesmo não tendo sido o único, foi o principal colaborador desta seção e o destaque para sua atividade na revista é devido às crônicas que escreveu.

Como se pode averiguar pelos números oferecidos, a colaboração de Machado não obedeceu a uma regularidade no que toca ao espaço ou à periodicidade, mas é fato que o

escritor, com seu conto, poemas e crônicas, deixou seu nome marcado em todas as edições d' *O Futuro*. Há inclusive algumas em que assina dois textos – poesia e crônica –, algo interessante de se notar, pois, além de Machado, somente Faustino Xavier de Novaes, proprietário da revista, tem mais de um texto publicado por número. Dessa forma, fica clara a importância e a credibilidade atribuídas pelo periódico ao escritor.

Finalmente, vale destacar que, por ter sido uma publicação efêmera, o aspecto que mais chama a atenção da crítica para *O Futuro* é o fato de Machado de Assis ter sido seu principal colaborador brasileiro. Assim sendo, a importância do escritor para a revista é notável, e, pela publicação do conto “O país das quimeras”, quando Machado era um escritor ainda principiante na produção de narrativas, se pode dizer que *O Futuro* marcou sua participação, mesmo que pequena, no início do processo de formação de Machado como contista.

### **Jornal das Famílias (1863-1878)**

O principal objetivo do editor parisiense Baptiste Louis Garnier com sua vinda para o Brasil, em 1844, era explorar o comércio editorial brasileiro. Assim, na famosa Rua do Ouvidor, passou a editar vários livros de sucesso e, em 1859, deu início à edição do periódico *Revista Popular* (1859-1862), o qual se manteve até 1862, quando foi transformado em *Jornal das Famílias*. O editor era bastante criticado pelos tipógrafos brasileiros por mandar imprimir seus livros e o *Jornal das Famílias* na França; no entanto, a publicação estrangeira lhe oferecia diversas vantagens, pois, além de sua firma ser originada em Paris, o público leitor dava preferência aos produtos parisienses e a impressão francesa era mais barata e de melhor qualidade que a brasileira<sup>14</sup>.

Garnier tinha poucas amizades, dentre as quais se destaca a de Machado de Assis. Instalada na Rua do Ouvidor, sua editora permaneceu de 1844 a 1934, sendo considerada a de maior duração da época. O editor trabalhava incansavelmente e, devido a tal dedicação, chegou a receber uma condecoração como reconhecimento da importância de seu trabalho de livreiro e editor para o Brasil. Conforme assinala Nelson Werneck Sodré, “Garnier foi o grande editor da segunda metade do século XIX. A casa enobrecia os autores que lançava. Ser editado por ela era a consagração”<sup>15</sup>. Assim sendo, podemos concluir que a atuação do editor no Brasil foi bastante positiva.

O *Jornal das Famílias* foi, na realidade, o segundo empreendimento de Garnier e, como já se mencionou, teve sua origem no periódico *Revista Popular*, que circulou de 1859 a 1862. Marcada pelo ecletismo de seu conteúdo, a *Revista* visava a atingir um público diverso, desde os leitores mais humildes, como agricultores, até os mais letrados, como médicos e advogados. No entanto, o crescimento do público leitor feminino, principalmente na segunda metade do século XIX, fez com que Garnier mudasse o foco de seu empreendimento,

dedicando maior atenção às mulheres. Cabia à mulher brasileira da época seguir os padrões europeus em sua formação e também oferecer bases para a consolidação do lar e da família. Conseqüentemente, começam a aparecer leituras destinadas à mulher – a quem era vetada a atuação pública –, no sentido de oferecer-lhe uma atividade leitora que, além de ocupar seu tempo, lhe proporcionasse instruções específicas, como é o caso dos conselhos e dicas sobre economia doméstica, moda, higiene, etc. Dessa forma, o investimento em periódicos voltados ao público leitor feminino era um negócio promissor.

Assim sendo, no final de 1862 a redação comunicou aos assinantes que a *Revista Popular* seria transformada em *Jornal das Famílias*:

Depois de quatro anos de brilhante carreira, e já no seu 16 volume, cessa a *Revista Popular*, ou antes, se transforma em nova publicação. [...] Certos de que os assinantes da *Revista Popular* continuarão a ser também do *Jornal das Famílias* brasileiras, lhes remeteremos mensalmente o novo jornal. As mães de família não devem recear que ele penetre em seu santuário. Haverá todo o cuidado, como na *Revista Popular*, para a escolha dos artigos<sup>16</sup>.

De um periódico de conteúdo eclético, destinado a um público leitor variado, o editor passou a investir em uma revista com seções de contos, poesias, culinária, higiene e moda, visando especialmente o interesse das mulheres. Vale lembrar que o fato de privilegiar o público leitor feminino não significa que o *Jornal das Famílias* não pudesse ser lido por homens; indicadora disso é a carta-programa da nova revista, dirigida “aos nossos leitores”, e não apenas às leitoras. Se não somente por preferência, pelo fato – comum na época – de “fiscalizarem” as leituras de suas filhas e esposas, os homens tinham acesso ao periódico e, provavelmente, se interessavam mais pelo conteúdo literário, uma vez que podiam ser atraídos pela qualidade da colaboração.

Com a transformação da *Revista Popular* em *Jornal das Famílias* ocorrem várias mudanças: além de o *Jornal* ser impresso na França e apresentar uma nova aparência, muito mais chamativa e qualitativamente ilustrada que a de sua antecessora, há alterações também relativas ao conteúdo, pois o novo periódico trazia uma série de textos artísticos, abrindo mão, por exemplo, dos artigos sobre ciência e agricultura, que eram indispensáveis na *Revista*. Essas mudanças relativas à concepção dos periódicos denotam não somente a simples transformação de um em outro, como quer fazer acreditar a redação da *Revista Popular*, mas o início, na realidade, de um novo empreendimento, com diferentes características e objetivos.

O *Jornal das Famílias* surgiu no contexto histórico-social do Império, num período de expansão do público leitor de literatura. Garnier aproveitou o momento favorável para o aparecimento de veículos divulgadores de literatura e, diferentemente do que fizera Faustino Xavier de Novaes n’ *O Futuro*, aliou tal fator ao fértil público-alvo feminino, bem como à moda da apresentação seguindo o paradigma francês.

A importância das duas revistas de Garnier pode ser atestada não somente por ambas terem sido veículos divulgadores da ideologia romântica do século XIX, mas também por seu longo tempo de duração: juntas, somam dezenove anos de circulação ininterrupta, número considerado expressivo para um tempo em que muitos dos periódicos não conseguiam ultrapassar um lustro ou, muitas vezes, um ano – como é o caso d'*O Futuro*.

Em linhas gerais, o *Jornal* apresentava em seu conteúdo vários artigos sobre cuidados domésticos e higienização – física e moral – da família, além de grande quantidade de narrativas e artigos sobre a moda parisiense – temas de grande interesse na época, dadas a influência francesa e as transformações sociais por que passava o Brasil, especialmente o Rio de Janeiro<sup>17</sup>. É importante destacar também que Garnier dedicou especial atenção à qualidade material dos impressos, de modo que, também no aspecto visual, o *Jornal das Famílias* se destacava. Diante disso, uma vez mais fica claro que o editor, demonstrando singular tino comercial, adequou seu segundo empreendimento ao espírito de seu tempo e, com isso, obteve êxito com a publicação.

Na primeira carta aos leitores, datada de janeiro de 1863, a redação do *Jornal* expõe seu programa e enfatiza que “O *Jornal das Famílias* [...] é a mesma *Revista Popular* doravante mais exclusivamente dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras”<sup>18</sup>. No entanto, a começar pela capa, o segundo periódico de Garnier já se diferenciava bastante da *Revista*: trazia uma mulher sentada numa cadeira de encosto elevado, rodeada de acessórios de costura, de forma a deixar claro o público a quem se destinava. Além disso, o conteúdo apresentado evidenciava o fato de a nova revista não possuir os mesmos propósitos essenciais de sua antecessora, como já dissemos.

Em termos editoriais, dos três periódicos em discussão o *Jornal das Famílias* foi o mais organizado. Apresentava, ao final de cada ano, um índice do conteúdo anual, dividido por seções, nas quais apareciam os títulos das publicações, seus autores e a página do periódico em que se encontravam. A paginação era feita de forma contínua, recomeçando a cada início de ano. A revista constava de trinta e duas páginas mensais, das quais pelo menos metade era ocupada pela edição de narrativas e poemas, atestando, assim, a prioridade atribuída à literatura. Jean-Michel Massa aponta que:

[...] o *Jornal das Famílias* era, como seu nome indica, e mais do que a *Revista Popular*, uma publicação familiar. A revista trazia em cada mês um ou dois contos, cujo prosseguimento ou fim eram publicados no mês ou nos meses seguintes. Frequentemente, a edição era completada por algumas poesias de caráter sentimental ou de inspiração religiosa. Páginas de modas, ilustradas a cores, enriqueciam cada número. Uma crônica culinária, acompanhada de receitas assinadas por Paulina Filadélfia, instruía as donas de casa e as jovens donzelas candidatas a casamento. Às vezes uma página da Bíblia, narrada por um dos cômicos da relação, dava

uma nota religiosa [...]. A fórmula teve sucesso, porque a revista viveu três lustros.<sup>19</sup>

Conforme foi possível constatar por meio dos índices, a revista apresentou um quadro sucinto de seções, com forte presença da literatura. As que apareciam com maior constância eram: “Romances e novelas”, “Poesias”, “Mosaico”, “Economia doméstica” e “Modas”, e em alguns números se pode observar também as seções “História”, “Bibliografia” e “Viagens”. Durante toda a existência do *Jornal* os “Romances e novelas” ocuparam o primeiro lugar no índice, confirmando, assim, a ênfase dada à literatura. Um tema constante nas narrativas da revista era a construção moral da mulher: por meio das narrativas era oferecido à leitora o modelo da boa conduta. Vale salientar que as produções nacionais eram priorizadas; de acordo com o levantamento realizado por Alexandra Santos Pinheiro, apenas quatro narrativas estrangeiras são editadas durante os anos de circulação<sup>20</sup>, e o colaborador que mais produziu textos desse gênero para a revista foi Machado de Assis.

Em relação ao conteúdo de modas, o *Jornal* seguiu, como já dissemos, a tendência dos figurinos parisienses, sobre os quais oferecia, em grande quantidade, ilustrações, moldes e explicações detalhadas. É interessante notar também, ainda a respeito do conteúdo, que o periódico não apresentou aspectos de noticiário. Um exemplo disso é o fato de não mencionar acontecimentos marcantes da época, como a morte de alguns de seus próprios colaboradores, como foi o caso de Gonçalves Dias e José de Alencar, para citar apenas dois nomes.

Sobre a atividade de colaboração na revista, somente em 1870 o *Jornal das Famílias* apresenta, pela primeira vez, a lista de seus colaboradores e redatores, não esclarecendo, porém, a quem cabia sua direção. Os nomes que compõem tal lista são: Dr. Augusto Fausto de Souza, Augusto Emílio Zaluar, Bittencourt Sampaio, D. Emília Augusta Gomide Penido, Cônego Francisco Bernardino de Souza, D. Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras, Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Souza e Silva, J. L. Teixeira de Macedo, Dr. José Joaquim de Pessanha Pova, José Rufino Rodrigues Vasconcelos, José Nicolau Vergueiro, Juvenal Galeno, L. G. P. Guimarães Júnior, Luiz Antônio Burgain, Machado de Assis, Manoel Inácio Marrocos Mendes, D. Paulina Philadelphia e Vitória Colonna. Como se pode observar, o *Jornal* contava também com a colaboração de mulheres, o que demonstra uma certa evolução no pensamento do editor e de seus colaboradores, e também a reivindicação da mulher por seu espaço na imprensa.

Outro aspecto a ser levado em conta sobre o *Jornal das Famílias* é a ilustração, que foi um fator de suma importância nos periódicos do século XIX, por significar um dos meios de atrair leitores. O *Jornal das Famílias* oferecia várias gravuras de figurinos franceses, e também acompanhava todas as suas narrativas de um desenho, denotando, assim, qualidade e empenho no padrão gráfico.

Tendo em vista os aspectos apresentados, podemos concluir que o *Jornal das Famílias* foi um empreendimento de longa vida por vários motivos. De acordo com Sílvia Azevedo,

O êxito do *Jornal das Famílias* não está relacionado apenas ao aproveitamento de um esquema de publicação que, em revistas anteriores, já havia se revelado rentoso e de sucesso. O que antes explica a longevidade da publicação que, a partir de 1863, B. L. Garnier passa a editar, é o *Jornal das Famílias* ser a expressão, ao nível da imprensa, da instituição que representa as forças políticas no poder: a família<sup>21</sup>.

O periódico saiu de circulação sem que seu fim viesse noticiado, diferentemente da *Revista Popular*, que divulgou, por meio de uma carta ao leitor publicada em seu último número, sua transformação em *Jornal das Famílias*. Apesar da falta do aviso, o ciclo de doze meses da revista foi finalizado: o último número saiu no mês de dezembro de 1878, apresentando o índice anual com todas as narrativas concluídas. Sílvia Azevedo associa o fim do *Jornal das Famílias* ao fim da monarquia:

Assim como a monarquia, depois de 1868, ainda viveria por algum tempo, o *Jornal das Famílias*, cuja diretriz editorial era a expressão das concepções político-ideológicas do partido conservador, continuará circulando por mais dez anos. Sintomaticamente, quando em 1878, Garnier suspender a publicação do *Jornal das Famílias*, é porque, findo o Império, o cenário político brasileiro passa a estar sintonizado com os ideais liberais e, portanto, não havia mais lugar para uma revista que, por quase três lustros, se compunha como baluarte da família brasileira.<sup>22</sup>

Finalmente, é interessante enfatizar que, ao mudar seu foco, de uma revista informativa e destinada a um público leitor indistinto, para uma de acentuado conteúdo literário e com melhor qualidade de impressão, dedicada em maior escala ao público leitor feminino, o editor Garnier prestou uma relevante contribuição para a literatura brasileira. Isso porque trouxe à luz uma revista que possuía, além de outros quesitos, um considerável número de textos literários, que possibilitaram a prática e a divulgação do trabalho de escritores brasileiros como Machado de Assis. Conforme destacou Sílvia Azevedo, “[...] só o fato de ter contado, por quase quinze anos, com a colaboração de Machado de Assis, já garante ao *Jornal das Famílias* um lugar de destaque na história da imprensa literária brasileira”.<sup>23</sup>

**A colaboração de Machado de Assis no *Jornal das Famílias***

Machado de Assis foi o principal e mais assíduo colaborador do *Jornal das Famílias*, durante os quinze anos de circulação da revista. Antes de contar com Machado como colaborador de seu segundo empreendimento, o editor Garnier já era amigo do escritor. A respeito da boa relação entre Garnier e Machado, Laurence Hallewell comenta:

A longa ligação de Garnier com Machado de Assis é uma prova de que esse editor era capaz de reconhecer real talento literário num escritor que não fazia qualquer esforço para conquistar popularidade fácil e de que estava disposto a apoiá-lo. Não que essa ligação não tenha sido vantajosa para qualquer dos dois [...]. Os acordos financeiros, bastante justos no início [...] tornaram-se indiscutivelmente generosos quando ficou patente que as vendas eram certas.<sup>24</sup>

A colaboração de Machado de Assis no *Jornal das Famílias* iniciou-se no mesmo ano de estréia da revista, com a tradução do poema “Alpujarra”<sup>25</sup>, e, somente no segundo ano, o escritor começou a colaborar com narrativas. O número de poesias escritas por ele para o periódico é muito menor que o de narrativas: de acordo com o levantamento realizado pela pesquisadora Alexandra Santos Pinheiro<sup>26</sup>, o escritor assinou quatro poemas com seu nome e três com pseudônimos, totalizando sete poemas; já o número de narrativas que publicou no *Jornal*, de acordo com a relação oferecida por Galante de Sousa<sup>27</sup>, é de aproximadamente sessenta.

A respeito do desempenho profissional de Machado de Assis e, particularmente, sobre a colaboração do escritor no *Jornal das Famílias*, Jean Michel Massa informa:

Até o momento [1864] Machado de Assis vem, pouco a pouco, e por ordem, aparecendo como poeta, dramaturgo, jornalista, crítico e, excepcionalmente, contista. Seu verdadeiro interesse por esse gênero literário só se tornou perceptível a partir de 1864, quando começou a publicar seus contos no *Jornal das Famílias* [...].<sup>28</sup>

Portanto, ao começar, em 1864, sua colaboração como ficcionista no *Jornal*, Machado de Assis era ainda um iniciante nesta prática, um pouco distante do grande escritor que se tornaria mais tarde. Até então só havia publicado dois textos de ficção: “Três tesouros perdidos”, em 1858 na *Marmota* (1857-1864), e “O país das quimeras”, em 1862, n’*O Futuro*, conforme já aludimos anteriormente. No entanto, Machado já apresentava considerável experiência e prestígio no campo da crítica literária e teatral, tendo publicado nestas áreas textos de relevância para a história da literatura brasileira.

Foi no *Jornal das Famílias* que o escritor teve a primeira oportunidade de exercitar de forma intensa sua capacidade para a produção ficcional, aprimorando-a de forma a ser reconhecido, futuramente, como o maior contista brasileiro. Sendo assim, além de ter sido para Machado, durante quinze anos, uma de suas mais seguras fontes de renda, o *Jornal das Famílias* também foi como um laboratório para sua formação e especialização no gênero narrativo. Sobre este aspecto é importante destacar que, até a atuação de Machado como contista no *Jornal*, não havia no Brasil uma tradição na produção de contos, pelo menos produzidos de forma original, de maneira que o escritor foi uma espécie de criador do conto realmente brasileiro<sup>29</sup>.

É interessante notar também que a colaboração de Machado de Assis foi de grande valia para o êxito da revista, pois o escritor, embora na época estivesse em processo de desenvolvimento, já se destacava e gozava de considerável admiração e credibilidade por parte do público leitor, dada sua intensa atividade profissional e qualidade de seus escritos. Com relação a esse aspecto, Massa destaca:

Em certa medida, o *Jornal das Famílias* [...] anunciava já a imprensa tal como a conhecemos nos nossos dias, mas a qualidade da colaboração elevava muitas vezes a revista a um nível superior [...]. Machado de Assis provou-o quando foi atacado, em nome da moral, por despertar maus pensamentos por suas “Confissões de uma viúva moça”. Uma mãe de família veio atestar a moralidade da história.<sup>30</sup>

Diante do que foi exposto, é possível concluir que Machado de Assis, escritor que se fez basicamente dentro dos periódicos em que colaborou, teve uma forte e interdependente relação com o *Jornal das Famílias*, uma vez que contribuiu para o êxito do periódico, ao mesmo tempo em que teve nele seu primeiro grande espaço para a prática no gênero narrativo.

### **A Estação (1879-1904)**

Dos três periódicos em pauta, *A Estação*, com seus vinte e cinco anos de publicação ininterrupta, foi o de mais longa vida. No entanto, apesar de a revista ter circulado até 1904, o estudo que realizamos obedeceu a um recorte, que compreendeu do ano inaugural a 1898, período correspondente à colaboração de Machado de Assis na revista.<sup>31</sup>

*A Estação* era de propriedade da Livraria Lombaerts e Cia. e circulou de 15 de janeiro de 1879 a 15 de fevereiro de 1904, em publicações quinzenais que saíam nos dias 15 e 30 – ou 31 – de cada mês. Em 1897, ano da morte de Henrique Lombaerts, passa a aparecer na capa o nome da Livraria A. Lavignasse F. & C. como proprietária da publicação. Machado de

Assis admirava Lombaerts, o que podemos constatar pelas seguintes palavras do escritor, dedicadas a Lombaerts por ocasião de sua morte:

Durante muitos anos entretive com Henrique Lombaerts as mais amistosas relações. Era um homem bom e bastava isso para fazer sentir a perda dele; mas era também um chefe cabal da casa herdada de seu pai e continuada por ele com tanto zelo e esforço. Posto que enfermo, nunca deixou de ser o mesmo homem de trabalho. Tinha amor ao estabelecimento que achou fundado, fez prosperar e transmitiu ao seu digno amigo e parente, atual chefe. *A Estação* e outras publicações acharam nele editor esclarecido e pontual. Era desinteressado em prejuízo dos negócios a cuja frente esteve até o último dia útil da sua atividade.<sup>32</sup>

A revista *A Estação* foi a continuação brasileira da publicação francesa *La Saison*, que circulou no Brasil entre 1872 e 1878, e, da qual, segundo Marlyse Meyer<sup>33</sup>, conservou igual a diagramação do cabeçalho. A seriação foi feita de forma seqüencial, de maneira que o primeiro número da *Estação* começa no ano VIII.

O fato de a revista ter sido quinzenal já é um dado significativo, pois a uma publicação com tal periodicidade já se pressupunha uma sólida infraestrutura. Dividido em duas partes – a de modas e a literária –, o periódico teve muito êxito, pois, como já dissemos, circulou por vinte e cinco anos, sem interrupção. No mesmo estilo do *Jornal das Famílias*, *A Estação* também era uma revista dedicada às mulheres e seguia os padrões franceses de publicação.

Já no primeiro parágrafo da carta-programa fica claro o principal objetivo que se tinha com a revista: “criar um jornal brasileiro indispensável a toda mãe de família econômica que deseja trajar e vestir suas filhas segundo os preceitos da época”<sup>34</sup>. Baseada em tais propósitos, *A Estação* foi uma revista de muito êxito; nesse sentido, Ana Luiza Martins tece algumas considerações sobre o que viria a significar uma “fórmula de sucesso” para os periódicos do século XIX:

O cultivo das artes como figurino começava a entrar nos lares. Em particular, o hábito da leitura passava a ser fundamental para a mulher elegante. Adereços artísticos e livros complementavam o universo feminino nas páginas dos magazines de sucesso. [...] A partir das revistas de moda, a qualidade técnica da reprodução se aprimorava, recurso fundamental para a divulgação de modelos, riscos e cortes<sup>35</sup>.

Dessa forma, é possível constatar que a proposta d'*A Estação*, assim como fora a do *Jornal das Famílias*, era fecunda e de êxito praticamente garantido, pois eram revistas dedicadas especialmente a um público leitor que estava crescendo e, conseqüentemente, consumindo periódicos. Colaborava para o sucesso das publicações o fato de ambas serem

construídas sobre bases sólidas: o *Jornal*, que apareceu no lugar da bem sucedida *Revista Popular*, e *A Estação*, por ser a continuação brasileira da também bem sucedida revista francesa *La Saison*.

Uma diferença entre *A Estação* e o *Jornal das Famílias* se dá no que toca ao local de impressão: o periódico de Lombaerts, ao contrário do que se pensava até o final de 1885, era impresso na Alemanha, e não na França, apesar de seguir os moldes franceses de apresentação. Tal fato ocasionou uma série de críticas e comentários maldosos a respeito da revista, a que, no longo editorial de fim de ano, publicado em 31 de dezembro de 1885, a redação responde, explicando a impressão estrangeira com o mesmo argumento utilizado pelo *Jornal*: maior qualidade material e preço mais baixo. As críticas não prejudicaram a popularidade da revista, de forma que ela ainda circulou por mais dezenove anos.

Certamente o número de leitores de *A Estação* devia ser grande; até maior que o de assinantes, pois em vários números da revista há queixas dos editores em relação ao empréstimo de exemplares entre leitores. Já pelo conteúdo de modas torna-se óbvio que o público leitor pretendido pela revista era, preferencialmente, a mulher. No entanto, assim como o *Jornal das Famílias*, *A Estação* também tinha leitores do sexo masculino que, assim como deduzimos em relação ao *Jornal*, possivelmente se interessavam mais pelo conteúdo literário.

Conforme foi possível constatar com a consulta do periódico, a paginação das duas partes – a de modas e a literária –, é independente e recomeça no início de cada ano. Marlyse Meyer remete a essa divisão e faz uma breve descrição da seção de modas:

*A Estação* apresenta-se em duas partes distintas. É um jornal de modas, com seis páginas internas e as duas pranchas coloridas [...], belíssimos figurinos de grupos de senhoras elegantes, adaptadas à estação; a primeira capa sendo a do frontispício do jornal e da crônica de moda e suas colunas envolvendo grande gravura de moda em preto, centrada no meio da página; a capa exterior é geralmente de reclames, sempre de produtos e casas francesas; a “Perfumerie Guerlain” e o reclame das pranchas. As seis páginas internas vêm abundantemente ilustradas, vestidos, chapéus, toucas, mantéis, roupa de baixo, aventais e de luxo, peliças, saias, corpetes, etc., em matéria de indumentária feminina, e mais: peças de decoração, trabalhos de agulha, tamboretas, cache-pots, móveis diversos; todas as ilustrações com legendas explicativas extensas, remetendo ao molde mensal, que também vem à parte.<sup>36</sup>

Voltando à carta-programa da revista, em seus últimos parágrafos é reafirmada a composição parisiense da parte de modas, e, no que toca ao conteúdo literário, é mencionada a mudança em relação à matriz francesa:

Continua a folha como até agora, no que diz respeito à parte de modas. Claro está que esta parte forçosamente parisiense só poderia colher os seus elementos na capital da moda [...]. Por outro lado, porém, na parte agradável e recreativa, devíamos torná-lo nosso e assim o fizemos. Confiamos a parte literária da *Estação* a pessoas de reconhecida habilidade e neste número encetamos a publicação de uma produção de um de nossos mais talentosos e festejados romancistas [...].<sup>37</sup>

No que toca à extensão, inicialmente a parte de modas ocupa o dobro do espaço ocupado pela parte literária. Com o passar dos anos de publicação, as duas partes passam a apresentar praticamente o mesmo número de páginas, mas se deve levar em conta que a grande maioria das propagandas aparece junto ao conteúdo literário, atribuindo, portanto, espaço ainda um pouco menor à literatura, em comparação com a moda. Este aumento na quantidade de propagandas se deu, provavelmente, devido ao crescimento do número de assinantes, no decorrer dos anos de publicação, em virtude do sucesso adquirido pela revista. Já o aumento da parte literária, pode-se inferir que tenha ocorrido, dentre outros motivos, porque os conteúdos apresentados mantinham um padrão de agrado do público, e, por que não dizer, pela colaboração constante de Machado de Assis, que, após publicar as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), dois anos depois da inauguração da revista, adquiriu ainda maior prestígio com o público leitor.

Sobre a apresentação da parte literária e suas seções, Meyer explica:

Traz sistematicamente uma gravura de página inteira que ilustra, quer costumes – nos dois sentidos, hábitos e roupas – de diferentes países, quer cenas edificantes, históricas ou exóticas [...]. Entre as rubricas rotineiras dos primeiros números (as variações vão se sucedendo com o tempo) vemos: Noticiário, Literatura, Bibliografia, Variedades, Teatros e Concertos, A cidade e os teatros, e uma seção recreativa, ‘Horas de ócio destinadas às assinantes’.<sup>38</sup>

Observando o conteúdo da parte literária é possível verificar, inicialmente, a publicação, em média, de cinco textos. Esse número apresenta um crescimento notável com o passar dos anos, chegando, em 1898, a aproximadamente dez rubricas por publicação.

Pelo fato de não haver índices ou listas sistemáticas de colaboradores e seções da *Estação*, organizamos, com base na consulta do periódico, uma listagem da recorrência desses itens na revista, até o ano de 1898. Ressaltamos que se trata de uma lista parcial, mas que acreditamos ser capaz de possibilitar uma visão geral a respeito dos colaboradores e dos conteúdos da parte literária da *Estação*.

Assim sendo, a lista parcial obtida das seções mais recorrentes até 1898 foi a seguinte: “Literatura”, “Poesia”, “Bibliografia”, “Higiene”, “As nossas gravuras”, “Revelações Fisiológicas”, “Horas de ócio”, “Economia doméstica”, “Conselhos às mulheres”, “Teatros”, “Variedades”,

“Chroniqueta”, “Mosaico”, “Pensamentos de damas ilustres”, “Teatros e concertos”, “A cidade e os teatros”, “Viagens, High-life”, “Correspondência”, “Álbum”, “Uma idéia por quinzena”, “Pensamento sobre mulheres”, “A graça do corpo”, “Diversas”, “Os trópicos”, “A moda entre nós” e “As mães de família”. Houve também a publicação de contos, sem ser os da seção Literatura, publicados sob o próprio título. Observamos também que o periódico apresenta algumas seções constantes, que compreendem todo o período de análise – como é o caso de “Literatura” e “Poesia” –, outras de constância um pouco menor – estas, muitas vezes, constituídos de artigos publicados em partes – e outras, ainda, bastante eventuais. Vale ressaltar que se considera seção aqui todo título observado, por menor que seja o conteúdo que apresenta.

Nesse sentido, vale destacar um relevante aspecto relativo ao conteúdo da parte literária: marcam sua presença, em quase todos os números da revista, até 1898, os contos de Machado de Assis, publicados sob o nome da seção “Literatura”, ou diretamente sob o próprio título do conto. Em virtude de tal aspecto, podemos notar que, na seção “Literatura” ou em espaço variável do periódico, fosse escrito, na grande maioria das vezes, por Machado de Assis, ou, em menor quantidade, é certo, por algum outro colaborador, houve a publicação de pelo menos um conto em cada edição da revista. O mesmo ocorre com a poesia: ao menos uma foi publicada em cada número, de forma que se pode dizer que a publicação de conto e poesia é característica constante d’ *A Estação*.

Tal fato nos permite deduzir que, ao mesmo tempo em que demonstrou sua ligação com a tradição romântica, denotada, dentre outros aspectos, pela constante presença da poesia, *A Estação* também apresentou um certo caráter de inovação no pensamento literário, uma vez que ofereceu espaço para que se desse continuidade ao processo de instauração e desenvolvimento do conto brasileiro, iniciado por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*. Desse modo, *A Estação*, assim como o *Jornal*, prestou importante contribuição não só para o aperfeiçoamento de Machado como escritor de contos, mas também para o desenvolvimento dessa forma literária no Brasil.

Semelhantemente ao trabalho realizado com as seções, organizamos também uma lista parcial dos colaboradores mais freqüentes até o ano de 1898, e os nomes e pseudônimos obtidos foram: Machado de Assis, Luiz Delfino, Alberto de Oliveira, Adelino Fontoura, Raimundo Corrêa, A. Azamor e Olavo Bilac, Múcio Teixeira, Nessuno, Th. de C., Filinto de Almeida, Silvestre Lima, Guilherme Leite, O. de S., Moniz Barreto, Lúmen, Américo Moreira, Emílio de Menezes, Damasceno Vieira, Amélia A. R. C., Paulo de Arruda, Epaminondas de Albuquerque, G., L. M. C., João Cavalcante, Demóstenes de Olinda, Ignez Sabina, Othelo de Alcântara Gomes, Gaspar Guimarães, Teotônio de Oliveira, O., F. Cavalcanti, Nóbrega Júnior, César Monteiro, Agostinho Pereira Reis, Pigmalião Primo, Guil-Mar, Cincinato Gutiérrez, Francisca S., Padre Correia de Almeida, Abdiel, F. Távora, Dr. Ricardo C., Dr. Domingos

Jaguaribe, Júlia F., D. Vaucaire, Baronne Stiffe, Dr. Ch. Corbisier, Alphonse Bué, Marguerite de Saint Genés, X.Y.Z. e Eloy, o Herói.

No que diz respeito à apresentação material d' *A Estação*, o fato de a paginação das duas partes distintas ser independente e recomeçar a cada início de ano é algo que contribui para a organização do periódico. Por outro lado, é necessário destacar que a organização, principalmente da parte literária, fica um pouco prejudicada devido à falta de índices, o que dificulta tanto a consulta quanto a análise do conteúdo da revista.

Em suma, a respeito das “partes” d' *A Estação*: a parte de modas continuou a ser parisiense, como já era em *La Saison*; já a parte literária recebeu cor brasileira, uma vez que foi voltada em maior grau à produção de escritores locais, principalmente Machado de Assis. Assim, *A Estação* pode ser classificada como uma revista de modas ilustrada, e também de literatura. As ilustrações aparecem tanto na parte de modas quanto na literária – logicamente, na parte de modas se encontra a maioria delas, mas também é possível vê-las com bastante frequência, e às vezes até ocupando uma página inteira, junto ao conteúdo literário, com o intuito de ilustrar algum texto ou de apresentar ao leitor alguma obra artística.

Enfim, diante do exposto, é possível concluir que o investimento em revistas de modas que seguissem diretrizes francesas, e que veiculassem também conteúdo literário, era um bom negócio na segunda metade do século XIX. Conforme assinala Ana Luiza Martins,

Ao longo do século XIX, a revista tornou-se moda e, sobretudo, ditou moda. Sem dúvida, essa tendência tinha uma explicação, referendada na Europa pela conjuntura propícia, definida pelo avanço técnico das gráficas, aumento da população leitora e alto custo do livro; favoreceu-a, definitivamente, o mérito de condensar numa só publicação, uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos. Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público-leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. E mais – seu custo baixo, configuração leve, de poucas folhas, leitura entremeada de imagens, distinguia-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos.<sup>39</sup>

Com relação ao sucesso obtido especificamente pela revista *A Estação*, Marlyse Meyer destaca:

Tal sucesso, e tão constante, testemunha obviamente do sucesso da padronização à européia de maneiras, modas e costumes. Mas também, através da atração pela moda de Paris [...], a concepção da Parte Literária, certamente devida em grande parte a Machado, é uma estratégia para divulgar outra modernidade, a da produção literária brasileira mais recente.<sup>40</sup>

Assim como ocorreu com o bem sucedido *Jornal das Famílias*, contar com a colaboração assídua de Machado de Assis foi, certamente, para *A Estação*, um dos motivos que contribuíram para o êxito do periódico, como já dissemos. A vasta colaboração também trouxe benefícios à carreira de Machado, que publicou na revista o romance *Quincas Borba* (1891), além de boa parte de sua produção contística, pertencente à chamada “segunda fase” de sua carreira.

Em linhas gerais, constatou-se que o periódico apresentou um perfil literário proeminente, apesar da proposta principal, desde o início assinalada, ser a de uma revista de modas parisienses. Caminhando nas páginas da *Estação* ao lado da parte de modas, a literatura vai ganhando território com o passar dos anos de publicação, e, conforme destacamos anteriormente, chega a ocupar praticamente a mesma quantidade de espaço que as modas no periódico. Vale lembrar que a revista também noticiou alguns fatos do cotidiano na parte literária, mas, no geral, seu conteúdo era voltado mesmo às modas e à literatura.

Por fim, é importante enfatizar que, diferentemente de muitos outros periódicos da época, *A Estação*, mesmo importando de Paris os figurinos da parte de modas – o que era muito bem visto –, veiculou na parte literária a notável predominância, desde o início, de matérias e autores nacionais, de forma a contribuir para o desenvolvimento da literatura brasileira.

### **A colaboração de Machado de Assis n’A Estação**

Dos três periódicos em pauta, *A Estação* foi o que abrigou maior número de textos de Machado de Assis. Como já se disse, o período de colaboração do escritor na revista compreende do primeiro número, de 15 de janeiro de 1879, a 31 de março de 1898. É possível verificar na lista das publicações oferecida por Galante de Sousa<sup>41</sup> a vasta colaboração de Machado n’ *A Estação*, que varia do conto à tradução, mas foi sobretudo como contista que o escritor marcou sua atividade na revista, de forma a ser seu principal e mais assíduo colaborador, assim como o foi do *Jornal das Famílias*.

Conforme destaca Marlyse Meyer, a respeito da posição de destaque ocupada por Machado de Assis na revista,

Tudo indica que Machado de Assis tenha tido papel importante na transformação de *La Saison* em *A Estação*, o que vem a dizer, na elaboração de sua importante Parte Literária (que entra como Suplemento Literário nas gavetas do catálogo da B. N.). Diz o Catálogo da Exposição do centenário de seu nascimento: ‘*A Estação* era uma revista de modas editada na tipografia Lombaerts. Mantinha uma seção literária de que Machado de Assis era uma espécie de diretor espiritual’.<sup>42</sup>

Assim sendo, podemos perceber que a ligação de Machado de Assis com a revista foi além de sua atividade de colaborador; mais que isso, o escritor foi uma espécie de mentor da parte literária d' *A Estação*. Em virtude disso, é notável o valor dado pela revista a Machado, pois, além do grande número de publicações que a ele foi confiadas, são feitos ao longo das edições vários elogios ao desempenho do escritor.

Não é mencionado nos estudos consultados o motivo exato pelo qual Machado encerrou sua colaboração na revista, no ano de 1898. Talvez haja uma relação com a morte de Lombaerts, amigo do escritor e primeiro proprietário d' *A Estação*. O falecimento do editor se deu em 1897 – um ano antes de cessar a colaboração de Machado –, de forma que a revista mudara de dono. Machado de Assis, nesta época, já com sua saúde fragilizada, e com compromissos políticos, além das ocupações relativas à fundação da Academia Brasileira de Letras, possivelmente tenha feito uma espécie de seleção dos setores em que continuaria atuando, de forma que a atividade de colaborador d' *A Estação*, após a morte do amigo Lombaerts, tenha ficado de fora. No entanto, vale lembrar que esta é apenas uma hipótese, tendo em vista alguns aspectos da biografia de Machado.

Enfim, Machado de Assis prestou intensa e relevante atividade de colaboração no periódico *A Estação*: escreveu para a revista poema, conto, romance, resenha crítica e até editorial. Assim como o *Jornal das Famílias*, *A Estação* também foi importante para o desenvolvimento da carreira do escritor, pois ofereceu espaço para seu aperfeiçoamento na produção de narrativas, abrigando, conseqüentemente, boa parte de sua produção no gênero. Dessa maneira, fica assinalada uma forte relação entre o escritor e a revista, relação esta que legou à literatura brasileira jóias como *Quincas Borba*, bem como o aprimoramento de Machado na arte de escrever contos. Diferentemente d' *O Futuro* e do *Jornal das Famílias*, *A Estação* presenciou a fase mais intensa do processo de amadurecimento da produção do escritor, uma vez que este se deu, em maior grau, dentro do período de colaboração de Machado de Assis na revista.

### **Considerações finais**

Finalmente, além de pinçar alguns aspectos fundamentais sobre o que expusemos, a fim de sistematizar as considerações feitas, resta destacar alguns aspectos sobre a recorrência de contos e sua relação com a essencial colaboração de Machado de Assis nas três revistas aqui comentadas.

Em relação ao *O Futuro*, vimos que o periódico apresentou forte ligação com a tradição romântica, constatada por seu perfil editorial, e que tinha em Machado de Assis seu principal cronista. Há também outros tipos de texto do escritor publicados na revista, mas é

com a crônica que ele marca sua atividade de colaboração. É também n' *O Futuro*, conforme já destacamos, que Machado publicou o segundo conto de sua carreira, "O país das quimeras" – único texto do gênero escrito por ele no periódico –, um dos objetos de análise em nossa dissertação de mestrado. Vale lembrar que nesta época o escritor ainda não se dedicava especialmente à produção de contos, de forma que, como contista, Machado, ainda, praticamente inexistia.

Conforme se pôde verificar, *O Futuro* foi um periódico de caráter luso-brasileiro, numa época de aversão do Brasil em relação à matéria portuguesa, e, além disso, declarou-se avesso aos padrões franceses de publicação, fatores que acreditamos terem sido alguns dos principais responsáveis pela publicação não ter completado um ano. É interessante enfatizar que, ainda que tenha apresentado narrativas, o principal foco d' *O Futuro* voltou-se para a publicação de poesias, aspecto que reforça a presença do Romantismo na revista. Em relação à ocorrência do conto neste veículo, vemos que, embora haja algumas publicações desse tipo de texto – na maioria das vezes escritos por Camilo Castelo Branco –, não é dada a ele prioridade.

O *Jornal das Famílias*, seguindo o modelo de publicações bem sucedidas da época e sendo impresso em Paris, circulou por quinze anos, visando atingir especialmente o público leitor feminino. O periódico, ao veicular basicamente literatura e moda francesa, atendeu plenamente o gosto do público leitor de então e, por conseguinte, marcou seu nome na história dos periódicos de seu tempo, como um dos de mais longa vida. Durante todo o tempo de publicação da revista o editor Garnier demonstrou total apoio e confiança em Machado de Assis, oferecendo-lhe lugar cativo de publicação na seção "Romances e novelas". O escritor, por sua vez, soube aproveitar a chance, de forma que não apenas produziu um expressivo número de narrativas, mas também desenvolveu a prática do conto nas letras brasileiras.

Dessa maneira, podemos constatar que Machado teve no *Jornal das Famílias* uma importante oportunidade de atuação, uma vez que foi nesse veículo que, ao praticar o conto, começou a definir seu perfil como escritor de narrativas. Isso porque, antes de sua colaboração na revista, o escritor produzia textos de diversos tipos, sem apresentar maior inclinação a algum; porém, depois de sua atuação no *Jornal*, sua tendência para a produção de narrativas fica efetivamente marcada.

Na mesma esteira do *Jornal das Famílias*, a terceira e última revista comentada, *A Estação*, também visou, particularmente, o interesse do público leitor feminino e se dedicou a veicular literatura e modas parisienses, dessa vez vindo separadas, cada uma em seu caderno, embora fazendo parte de uma mesma revista. Assim como no *Jornal*, Machado de Assis também prestou vasta colaboração neste veículo; *A Estação* circulou por vinte e cinco anos, de 1879 a 1904, e a colaboração do escritor em suas páginas foi do ano inaugural a 1898, totalizando dezenove anos.

Semelhantemente ao que realizara na revista de Garnier, Machado era uma espécie de carro-chefe da parte literária d'*A Estação*, revista na qual também marcou sua colaboração sobretudo como contista. Se no *Jornal das Famílias* o escritor praticamente deu início ao exercício do conto no Brasil, n' *A Estação* procedeu à continuidade desse processo, de forma a aprimorar sua produção no gênero narrativo. Assim sendo, da mesma forma que o *Jornal das Famílias*, *A Estação* teve papel decisivo na carreira de Machado de Assis, já que, além de abrigar em suas páginas considerável parte da produção do escritor, cedeu-lhe espaço para o aperfeiçoamento no gênero que o consagraria.

Por tudo isso, é possível concluir que nos três periódicos Machado de Assis teve papel importante, não só por ajudar a garantir-lhes prestígio em relação ao público leitor, devido à figuração de seu nome na lista de colaboradores, mas, principalmente, por atuar de forma marcante nos espaços que lhe foram confiados. Com exceção d' *O Futuro*, que por ser de caráter luso-brasileiro tinha também forte influência de escritores portugueses, como Camilo Castelo Branco, Machado de Assis parece ter sido no *Jornal das Famílias* e n' *A Estação* aquele que “dava o tom” ao conteúdo literário. Em suma, no caso d' *O Futuro*, Machado se inseria no perfil do periódico, mas não era a única ou a mais importante voz que ecoava na construção da revista; já no *Jornal das Famílias* e n' *A Estação*, o escritor, mais que um colaborador, era uma espécie de elaborador ativo de seus aspectos literários. De qualquer forma, o estudo dos três periódicos é igualmente interessante, por terem sido parte das etapas de um percurso que culminaria no reconhecimento de Machado de Assis como o maior escritor da literatura brasileira.

## Notas

---

\* Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa em nível de Mestrado, apoiada pelo CNPq e orientada pela Profa. Dra. Sílvia Maria Azevedo – professora do Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Assis.

<sup>1</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 39.

<sup>2</sup> Essa informação pode ser constatada através da lista oferecida por José Galante de Sousa, dos periódicos em que Machado de Assis colaborou. SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1955, p. 205-41.

<sup>3</sup> Intitulada “Machado de Assis leitor de si mesmo: um estudo a respeito da reescritura de alguns contos machadianos”, nossa pesquisa de mestrado consiste em estudar o reaproveitamento que Machado de Assis faz de alguns de seus contos publicados em periódicos. Os contos selecionados para a análise e seus locais de publicação original são os seguintes:

- O país das quimeras – *O Futuro*, Rio de Janeiro, nº 5, 1-11-1862, p.126-138.
- Uma excursão milagrosa – *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, 1866: abril, p.108-113; maio, p. 139-148.
- Quem desdenha – *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, 1873: outubro, p. 306-314; novembro, p. 327-337.

- 
- Ponto de vista – *Histórias da meia-noite*, Rio de Janeiro, s.d. (1873), p. 209-235.
  - Rui de Leão – *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, 1872: janeiro, p. 17-24; fevereiro, p. 42-52; março, p. 77-85.
  - O imortal – *A Estação*, Rio de Janeiro, 1882: 15 e 31 de julho; 15 e 31 de agosto; 15 de setembro.
- <sup>4</sup> MASSA, Jean Michel. *A juventude de Machado de Assis – 1839-1870*. Tradução: Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 348.
- <sup>5</sup> *O Futuro*, nº1, 15 set. 1862, p. 25.
- <sup>6</sup> Idem.
- <sup>7</sup> Idem, p. 26-27.
- <sup>8</sup> MASSA, op. cit., p. 350.
- <sup>9</sup> *O Futuro*, nº 5, 15 nov. 1862, p. 157, grifos do autor.
- <sup>10</sup> MASSA, op. cit., p. 349, grifo nosso.
- <sup>11</sup> Gondim da Fonseca tece alguns comentários sobre a relação entre Faustino Xavier de Novaes e Machado de Assis, e oferece alguns dados sobre a vida do poeta português. FONSECA, Gondim da. *Machado de Assis e o hipopótamo: uma revolução bibliográfica*. 5.ed. São Paulo: Fulgor, 1961, p. 127-46.
- <sup>12</sup> Esta listagem que levantamos das publicações de Machado de Assis, através da consulta do periódico, foi oferecida também por Galante de Sousa. SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro: 1955, p. 214-15.
- <sup>13</sup> MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis: aprendizado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, vol. 1, p. 232.
- <sup>14</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução: Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985, p. 129.
- <sup>15</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. [atualizada]. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 207.
- <sup>16</sup> *Revista Popular*, tomo 16, 1862, p. 361.
- <sup>17</sup> Dentre as transformações sociais destacam-se a urbanização do Rio de Janeiro e as campanhas de moralização e higiene da coletividade.
- <sup>18</sup> *Jornal das Famílias*, tomo 1, jan. 1863, p. 1.
- <sup>19</sup> MASSA, op. cit., p. 541.
- <sup>20</sup> PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2002, p. 163.
- <sup>21</sup> AZEVEDO, Sílvia Maria. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 1990, p. 699.
- <sup>22</sup> Idem, p. 700.
- <sup>23</sup> Idem, p. 707.
- <sup>24</sup> HALLEWELL, op. cit., p. 142.
- <sup>25</sup> *Jornal das Famílias*, tomo 1, julho 1863, p. 216-18.
- <sup>26</sup> PINHEIRO, op. cit., p. 160.
- <sup>27</sup> SOUSA, op. cit., p. 214-15. Nestas páginas é oferecida a relação não somente dos contos, mas de todas as publicações de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*.
- <sup>28</sup> MASSA, op. cit., p. 531.
- <sup>29</sup> Os poucos contos veiculados no Brasil até meados do século XIX eram, em sua maioria, traduções feitas de escritores estrangeiros, ou, quando muito, produções de escritores brasileiros, que,

---

basicamente, imitavam os textos estrangeiros, sem dar a seus textos um tom original pelo qual pudesse ser considerado autenticamente brasileiro. Mais informações a respeito do assunto podem ser encontradas na obra de LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1960.

<sup>30</sup> MASSA, op. cit., p. 541-2.

<sup>31</sup> Convém ressaltar que, como as considerações feitas sobre *A Estação* obedeceram ao recorte cronológico referido, não serão levantadas hipóteses sobre o fim da publicação, como se fez em relação aos outros dois periódicos expostos neste trabalho.

<sup>32</sup> Trata-se de um fragmento do necrológio de Lombaerts escrito por Machado de Assis e publicado n' *A Estação* em 15 de julho de 1897. ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. 9ª reimpressão. Rio de Janeiro: Aguilar, 1997, p. 1.019.

<sup>33</sup> MEYER, Marlyse. Estações. In: Idem. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993, p. 76.

<sup>34</sup> *A Estação*, nº VIII, 15 jan. 1879, p. 1.

<sup>35</sup> MARTINS, op. cit., p. 80-1.

<sup>36</sup> MEYER, Marlyse. De estação em estação com machadinho. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1992, p. 445.

<sup>37</sup> *A Estação*, loc. cit.

<sup>38</sup> MEYER, 1993, op. cit., p. 82.

<sup>39</sup> MARTINS, op. cit., p. 40.

<sup>40</sup> MEYER, 1992, loc. cit.

<sup>41</sup> SOUSA, op. cit., p. 231-33.

<sup>42</sup> MEYER, 1993, op. cit., p. 76, grifo nosso.

Artigo recebido em 30/10/2006 e aprovado em 22/10/2007